

*“não é possível a um bebê existir sozinho, física
ou psicologicamente ...”
(Winnicott, 1945)*

*“A vida psíquica pré-existe ao bebê, sob a forma do
aparelho psíquico próprio do casal, da família e do grupo,
que são sua base, sua matriz da qual a vida psíquica se
alimenta e da qual ela precisará se destacar. É nesse
aparelho psíquico comum que a criança encontra seu
lugar como ser psíquico e pode, se tudo correr bem,
construir seu aparelho psíquico pessoal”
(Anzieu e Kaës, 2001, p. XIV)*

*“... o indivíduo é um apêndice temporário e passageiro
do idióplasma quase imortal, que é confiada a ele pelo
processo de geração”
(Freud, 1974[1915], p. 145)*

APRESENTAÇÃO

O que um bebê necessita para se constituir subjetivamente?

Fundamentalmente o homem necessita ser recebido no mundo por outro humano. O anfitrião e a comunidade têm a responsabilidade de receber, de acolher o bebê nos primórdios da vida com afeto e de forma ética e estética. A recepção está vinculada também à possibilidade afetivo-emocional, à história e à estrutura de cada família, o que envolve a transgeracionalidade. Cada família proporcionará uma recepção peculiar ao bebê pois, tendo sido atravessada pelo que foi internalizado, preserva as experiências sócio-culturais vividas nas diferentes gerações. Esses fatores citados, presentes no pai e na mãe no encontro primordial com o bebê serão também constituintes de sua subjetividade.

Evidenciaremos, nos diferentes textos que compõem a Revista, algumas questões vividas pelo bebê e seu cuidador, no encontro primordial da vida, que poderão problematizar a continuidade de ser do bebê. Na complexidade desses fenômenos, nos desencontros da dupla, o traumático pode se impor interferindo na sua constituição psíquica e, conseqüentemente, no seu amadurecimento pessoal.

No decorrer do ano de 2018 privilegiamos em nossos estudos e nos eventos promovidos pelo Grupo de Pesquisa os temas da transmissão psíquica e da transgeracionalidade. Os trabalhos que compõem esse número da nossa Revista representam o enfoque que demos a este tema tão amplo e essencial na clínica.

Assim, os primeiros artigos referem-se diretamente ao tema da transmissão psíquica e sua importância nos processos iniciais de subjetivação. No artigo de Alberto Konicheckis, o autor propõe estender o modelo freudiano do traumatismo, baseado na organização bifásica da sexualidade humana, para considerar outras modalidades de trauma próprias do início da vida. Esses traumas precoces, desprovidos de representação, podem constituir núcleos traumáticos primários, mas que serão passíveis de simbolização por meio das experiências corporais do bebê.

Na sequência estão apresentados três artigos que trazem especialmente uma compreensão sobre a transgeracionalidade e a transmissão psíquica. Regina Celi Lima dá relevância ao elemento transgeracional presente na transmissão psíquica no processo de constituição do ser, apresentando dois possíveis estudos de caso. O primeiro é uma situação real sobre a trágica existência de um homem nos Estados Unidos na década de 1980. O segundo caso é descrito pelo filme “O Insulto”, colocando em foco a genealogia da cultura onde se encontram elementos antropológicos, sociológicos e psicológicos.

Regina Orth de Aragão enfatiza em seu artigo a importância do conceito de transgeracionalidade para a compreensão de sofrimentos psíquicos atuais, observados na clínica, que estão relacionados com formas de transmissão limitadora aprisionando o sujeito em sintomatologias repetitivas.

Por seu lado, Eliana Schueler Reis aborda a questão da transmissão psíquica transgeracional considerando o traumático em uma dimensão coletiva. Exemplifica com a questão do racismo no Brasil proveniente da memória da escravidão. Apontando uma clivagem da sociedade brasileira marcada pela desigualdade social.

Já Maria do Carmo Andrade Palhares num texto teoricamente profundo e apresentado de forma poética, descreve a importância do silêncio no início da vida. O silêncio como uma conquista ofertada pelo encontro com o outro, favorecendo a experiência de si como integradora das vivências essenciais ligadas à comunicação humana.

Numa perspectiva diretamente clínica, Anita Paez e Martha Cristina Nunes Moreira relatam um estudo feito num hospital de referência no Rio de Janeiro, abordando a complexa experiência de mães e crianças com graves malformações configurando uma condição crônica de saúde – a Síndrome do Intestino Curto (SIC). As autoras exploram os aspectos da interpretação materna sobre a corporalidade de seus bebês – um corpo que parece desafiar a própria condição humana.

Fechando esse número, contamos com Rogério Panizzutti apresentando uma importante pesquisa neuro-científica enriquecendo a interface com a psicanálise, nos convidando a refletir sobre os diversos elementos que estão envolvidos no processo de subjetivação do ser humano.

Agradecemos aos autores que contribuíram para a construção dessa Revista, e estendemos nossos agradecimentos à Comissão de Biblioteca pelo empenho para que a Revista fosse editada. Queremos agradecer também a todos aqueles que participaram de nossas atividades do ano de 2018.